



TOKYO DEFENDER
東京ダイフェンダー
HENSHIN



HISTÓRIAS INCRÍVEIS
MUNDOS EXTRAORDINÁRIOS

Coletânea de Contos

TOKYO DEFENDER 東京ディフェンダー HENSHIN

SUMÁRIO

Sumário.....	1
O Relatório.....	2
Oito Caudas e Meia.....	8
O Domador de Dragões.....	12
Os Hóspedes.....	16
A Coleção das Estátuas.....	20
A Dança de Catherine.....	24
Celestial.....	28
Próximo Caçador.....	32

Prefácio

J.V TEIXEIRA

Você está prestes a viajar para outros mundos.

Contar histórias é comum para todos, seja o que aconteceu após um dia de trabalho ou até mesmo uma situação vivida em uma ida ao mercado, por exemplo. Entretanto, algumas pessoas vão além de relatar a realidade, imaginando histórias incríveis em mundos extraordinários.

É esse tipo de leitura que você encontrará aqui.

Antes de continuar vale uma breve explicação, caso você tenha caído nessa revista de paraquedas: a Tokyo Defender é uma publicação digital sobre RPG feita por amigos que colaboram, sem fins lucrativos, e a Tokyo Henshin é a nossa edição especial.

Para a Tokyo Henshin #2, decidimos fazer uma revista dedicada a contos e assim começou a saga para convocar os autores que poderiam colaborar conosco.

Já falei diretamente com cada um deles, mas acho importante deixar registrado aqui também: muito obrigado a todos os que participaram e tornaram esse projeto possível.

Entre os escritores desta edição, temos autores já publicados por grandes editoras, outros que publicam de forma independente, alguns vencedores de concursos e outros que estão publicando pela primeira vez.

Espero que você goste do que vai encontrar aqui e, caso goste, procure outras obras desses autores, se aprofunde na atual literatura nacional.

Sem mais delongas: seja muito bem vindo às histórias incríveis e aos mundos extraordinários da Tokyo Henshin #2.

O Relatório



J.V TEIXEIRA

Apresento aqui um resumo do ocorrido até então, por isso, peço que indique os pontos de interesse para que eu elabore um relatório detalhado no futuro.

Como esperado, cheguei na colônia espacial pelo movimentado porto da Zona Oeste (ZO) e acho importante destacar a diversidade de raças que vi ao chegar: seres de todos os pontos da galáxia.

Dirigi-me ao bar onde o encontro fora marcado e, ao subir, vi os dois encostados no parapeito à minha espera. Conforme combinado, um deles usava um capuz sobre a cabeça e o outro a máscara de um personagem de um filme antigo; já eu estava com o capacete cobrindo metade do rosto, deixando a barba à amostra.

De fato, como você suspeitava, o mascarado é deveras ousado. Assim que passei pelo balcão de atendimento, olhei para a tevê e vi o anúncio de procurado na tela estampando o verdadeiro rosto dele; junto à imagem, o indicativo de uma gorda recompensa pela sua captura com vida.

O bar estava cheio. Sentei em uma mesa ao fundo e não demorou para os dois virem ao meu encontro. Assim que chegaram, puxei o cartão de confirmação do bolso e disse: “Sou o repórter da Mídia.”

Eles me passaram toda a informação em menos de dez

minutos padrão e assim que partiram uma mulher se sentou ao meu lado. Ela se apresentou como Regina e me contou que era a esposa de um dos lordes da Zona Leste (ZL). Revelou que manteve durante anos um caso com um dos gladiadores do Lorde Carlito, mas a infidelidade foi descoberta e precisaram fugir às pressas, deixando a filha recém-nascida de Regina para trás. Como o gladiador fora muito ferido na fuga e veio a falecer, Regina buscava ajuda para voltar à ZL e salvar a criança.

Quando indaguei o que ela achava que eu, um homem simples, poderia fazer, ela sussurrou que sabia que eu era da Mídia, havia visto minha carteira de identificação quando a mostrara anteriormente.

Como bem sabemos, poucos têm coragem de ir contra os desejos de alguém da Mídia, já que a instituição pode levar alguém da glória ao fracasso com uma simples reportagem e vice-versa. A questão é que um Lorde da ZL não é afetado pela Mídia; existem situações em que o dinheiro influencia mais do que a informação. Ela tinha noção disso e me contou que não queria minha ajuda para exigir do lorde a filha de volta, mas me usar para pedir um favor ao prefeito da Zona Central (ZC), que a colocaria dentro da ZL. Ela já havia tentado dialogar com o prefeito e ele negara, por isso ela se dirigira à ZO no intuito de encontrar pessoas que pudessem convencê-lo com o uso da força, mas ao encontrar alguém da Mídia ela acreditou que atingiria seu objetivo mais facilmente com a minha ajuda.

O dia em questão seria perfeito para tal investida; uma grande luta ocorreria no Coliseu e com isso Carlito e a maior parte dos seguranças não estariam na casa.

Sei que meu objetivo na colônia era negociar na ZO e ir embora, mas vi a oportunidade de conhecer as demais regiões surgir bem na minha frente, por isso decidi ajudar Regina.

Contratamos um motorista que nos levou até a divisa da ZO com a ZC. Mostrei a carteira da Mídia e não precisamos pagar pela corrida. Descemos do veículo em frente a uma montanha de entulho tão alta que se aproximava do teto do satélite; a mulher então me guiou até uma fila. Quando chegou nossa vez, um homem mal vestido exigiu uma enorme quantia para nos

deixar passar, porém, mais uma vez, bastou mostrar meu cartão para conseguirmos gratuidade.

Fomos guiados até uma escada e ao descer me surpreendi: havia uma vila subterrânea, com casas e lojas espalhadas por toda a extensão da estrada que ligava uma entrada a outra.

A primeira coisa que notei ao sairmos do outro lado foi o teto. Diferente da ZO, o lugar contava com telas simulando um dia ensolarado. Entretanto, algumas apresentavam apenas chuvisco, provavelmente por falta de manutenção, mostrando a precariedade do lugar.

O melhor modo de se locomover pela ZC é utilizando o metrô suspenso, por isso caminhamos até a estação mais próxima e entramos no veículo. Durante a viagem, observei pela janela como a zona era diferente daquela onde me encontrava anteriormente. A ZO era escura, mas as luzes coloridas dos prédios chamavam atenção; já na ZC, as ruas contavam com a iluminação de postes. Pessoas caminhavam de forma tranquila pelas ruas estreitas, assim como guardas trajando armaduras altamente tecnológicas (só não consigo imaginar nenhum tipo de perigo que exija o uso de armamento tão pesado).

Descemos no terminal, o ponto de encontro das linhas do metrô, e seguimos até a praça Seigan, onde se localiza o prédio da prefeitura. Quando chegou o momento do prefeito nos atender, Regina explicou seu plano: usar os rios de esgoto subterrâneos que seguiam até a estação de tratamento, localizada abaixo do lago artificial na divisa entre a ZC e a ZL, e lá pedir a um dos Libertadores que nos guiasse até a entrada mais próxima da mansão do Lorde Carlito.

O prefeito continuou negando ajuda, mesmo quando mostrei a carteira de identificação da Mídia. Ele não queria comprometer a rota de fuga utilizada para libertar os gladiadores, que eram forçados a lutar até a morte no Coliseu após serem presos injustamente pelos guardas. Regina se alterou com a resposta negativa, por isso pedi que ela se retirasse para que o prefeito e eu falássemos a sós.

Destaco aqui que Elias, o prefeito, é um homem como poucos: uma pessoa de ideias firmes, que realmente quer o me-

lhor para as pessoas que vivem na ZC.

Com os argumentos certos, qualquer um é convencido; Regina se alegrou ao descobrir que eu conseguira persuadir Elias. O prefeito despachou um subalterno para preparar tudo antes da nossa partida e ofereceu um lugar para descansarmos e comer-mos enquanto esperávamos.

Horas depois, o subalterno retornou e então nos dirigimos até uma das entradas para os rios de esgoto subterrâneo, caminhando em seguida até a unidade de tratamento, na divisa das duas regiões. Lá, um dos Libertadores nos esperava e nos levou até a saída próxima da mansão de Carlito. Por conta do grande evento no Coliseu as ruas estavam parcialmente vazias.

Com cautela, chegamos à área dos criados da mansão, onde todos já conheciam o esquema das fugas e, por isso, ninguém se assustou ao nos ver. O Libertador esperou ali enquanto eu e Regina fomos até o berçário. Ao abrirmos a porta, vimos Carlito com a criança no colo e seus seguranças armados ao redor. Num rompante de fúria, Regina tentou correr na direção dele, mas eu a segurei a tempo.

Ele caminhou até nós. As armas continuavam apontadas em nossa direção quando disse: “Conforme o combinado, diga ao prefeito que os produtos já estão a caminho.”

Regina ficou confusa quando Carlito a tomou pelo braço, enquanto eu me virava e caminhava em direção à saída.

Como pode imaginar, se escrevo esse relato, significa que saí de lá a salvo e tudo correu de acordo com o plano que elaborei com o prefeito. Escrevo, inclusive, de dentro do apartamento de Elias.

Minha identidade falsa da Mídia só enganou a todos da ZO e da ZC pois, devido à pobreza tecnológica da área, não havia equipamento para verificar sua autenticidade. Sei que os lordes da ZL poderiam adquirir um equipamento para tal, mas como Regina afirmou que não teríamos contato com nenhum dos lordes, o risco que corri foi calculado.

Graças à senha que criamos para que eu iniciasse a conversa com os dois empreendedores no bar, Regina fez deduções errôneas e pensou que eu realmente era da Mídia.

Sei que meu objetivo era firmar laços para estabelecer nossa organização na ZO, porém talvez agora tenhamos a possibilidade de fazer mais que isso. Carlito é um lorde, mas também é um dos mais pobres da ZL, por isso apostei que talvez ele estivesse disposto a uma união conosco para desestabilizar os negócios das demais famílias e assim subir na hierarquia social. O prefeito comprou a ideia e, num golpe arriscado, mandou um mensageiro fazer a negociação; como prova de boa-fé, comunicou a ele que eu levaria Regina de volta.

Elias quer melhorar as condições da ZC e para isso aceitou até mesmo se aliar a um lorde da ZL em troca de comida.

Dessa forma estabelecemos contatos com pessoas nas três regiões da colônia. Agora está nas suas mãos, chefe: você irá se limitar à ZO ou seremos mais ousados?

Aguardo sua resposta por meio do canal seguro de comunicação. Por ora, me mantenho aqui.

Oito Caudas e Meia



MATHEUS QUEIROZ

O*kimono* estava salpicado de sangue. O líquido viscoso também escorria da *katana* empunhada à sua frente, na altura da visão. A fina lâmina apontava em direção ao *oni* que Takeshi caçava àquela noite.

Seus pés doíam. “Deveria ter calçado sapatos ao invés da geta”, pensou. De fato, os tamancos de madeira não foram feitos para uma perseguição tão demorada como aquela, mas não atrapalhariam seu objetivo.

Há muito a família Aoki era designada para caçar os demônios metamorfos que surgiam no vilarejo e chegara o dia de Takeshi mostrar para seu pai que merecia carregar a insígnia da árvore azul no peito. Depois que sua irmã mais velha morrera em missão, o posto fora ocupado por ele.

A criatura, transmutada numa raposa, estava de pé diante dele e fitava-o com um olhar ameaçador. Curiosamente, a perseguição durava quase uma hora, e aquele *oni* só havia se defendido das investidas de Takeshi. Isso era um comportamento incomum para os demônios e que só enchia o perseguidor de desconfiança.

De repente, uma forte ventania soprou, advinda do *oni*, levando o chapéu de palha de Takeshi. “Que droga, eu gostava dele”, pensou enquanto arrumava as madeixas azuladas, arrepiando-as o máximo que conseguia.

— Já deixei você respirar por muito tempo, maldito Kitsune! — E disparou em direção ao monstro.

Outra coisa chamava a atenção de Takeshi: geralmente as mitologias retratavam as raposas sagradas com nove rabos; aquele animal herético, entretanto, possuía uma cauda atrofiada e pouco peluda. “Pena que não terei tempo de estudá-la quando já estiver morta”, refletiu, ouvindo o “toc-toc” de sua geta no calçamento. A raposa com oito caudas e meia corria sem fazer nenhum barulho. Ele precisava manter o ritmo, mesmo cansado. Se a perdesse de vista, dificilmente a encontraria novamente. A honra dos Aoki dependia disso.

A criatura dobrou em um beco escuro e seguiu por uma rua fracamente iluminada por archotes. O perseguidor sabia para onde ela estava seguindo. Ele não podia permitir que ela alcançasse seu objetivo. Precisava finalizá-la ali mesmo, dentro dos limites da cidade.

Takeshi tocou no colar com a árvore azul em seu peito, fechou os olhos, estendeu a mão à frente com dois dedos erguidos e gritou:

— Fúria da Floresta Azul! — De repente, bem em frente à raposa, um aglomerado de árvores brotou do chão. Suas folhas incendiavam em chamas azuladas.

A raposa até que tentou, mas não conseguiu se esquivar e foi atingida por alguns troncos que ardiam. A fina veste que a cobria foi consumida pelas flamas, queimando também parte de seu pelo. Takeshi pôde ouvir o guinchar do *oni* em meio às árvores, mas aquilo ainda não estava acabado. Continuou correndo, tentando se aproximar da criatura, ao mesmo tempo que sua técnica se desfazia. Ele logo percebeu que o golpe não tinha sido suficiente para colocar fim à fuga da oito caudas e meia quando ela continuou seguindo em direção ao bosque dos bambus.

Takeshi resmungou. Seria muito mais difícil capturá-la naquele lugar.

As caudas da criatura se uniram em uma só e deram um giro completo. O movimento gerou uma bolha de ar atrás da raposa, que se colocou entre ela e o caçador. Como Takeshi se aproximava depressa, foi necessário um corte rápido de sua *kata*

na para estourar a bolha e continuar a perseguição, mas a técnica do *oni* o atrasou ainda mais. Ele suspirou ao ver a raposa adentrar o bambuzal.

Diminui o ritmo da corrida para uma caminhada mais lenta quando deixou os limites da cidade. Retirou de uma das mangas do *kimono* um pergaminho amarelado. Abriu-o e correu os olhos pelos escritos, então inspirou de olhos fechados e gritou: — Hogo!

O pergaminho se desfez em cinzas, que a seguir cobriram todo o seu corpo, formando uma espécie de película. Aquela bênção de proteção seria o suficiente para não ser pego desprevenido por um ataque do demônio.

Ele adentrou a mata. Os bambus eram muito próximos uns dos outros, o que dificultava o caminhar; entretanto, quanto mais alto estivesse, maior seria o espaço para se mexer. Por isso, Takeshi pulou e passou a saltar de bambu em bambu, procurando pela oito caudas e meia.

Porém, em um dos saltos, foi atingido por um forte soco no nariz, que o desnor-teou a ponto de fazê-lo tombar. Para sua sorte, a técnica de proteção tinha cumprido seu objetivo, do contrário a força do golpe do inimigo teria sido capaz de lhe arrancar a cabeça. Quando se recuperou, viu o *oni* à sua frente.

Takeshi usou sua lâmina para fatiar em inúmeros pedaços uma das árvores. À medida que os pedaços do bambu voavam, Takeshi os golpeava com a outra mão, lançando-os em direção à raposa. Era como se uma infinidade de pequeninas lanças fossem disparadas em sequência, dando pouca chance de defesa para a criatura.

Ela, porém, saltava de um lado para outro, dançando como uma bailarina, esquivando-se de todos os golpes. Antes que as últimas três lanças alcançassem o alvo, o caçador correu em direção a ela; quando ela se esquivou do último disparo, Takeshi se aproximou, enviando-lhe a *katana* bem no meio do peito.

O *oni* o contemplou com um olhar sofrido, cheio de dor. Aquele olhar lhe era estranhamente familiar, mas Takeshi não teve tempo de conjecturar por mais tempo, pois de imediato o espírito foi elevado aos céus e o corpo da criatura se desfez até

sobrar apenas uma Pedra Fundamental, fonte da essência corporal de todos os seres.

Takeshi embainhou a lâmina, ajoelhou-se, tomou a Água nas mãos e retornou para casa.

Cruzou a porta corrediça, deixando os tamancos de fora, e deu de cara com o pai. Imaginou que o patriarca dos Aoki fosse ficar feliz com o resultado de sua empreitada, porém, ao lhe entregar a pedra fundamental, foi surpreendido pela notícia de que aquela era a essência de sua irmã, tida como morta.

Em um final da tarde, uma semana depois, Takeshi foi conduzido à praça do palácio. Lá, cumpriria com toda dignidade seu *seppuku*.

O Domador de Dragões



TH SILVA

Opântano borborejava. A escuridão da noite dava às árvores um aspecto monstruoso e, no centro do lodo escuro, sapos gigantes com forma humanoide saltavam da água e ameaçavam o grupo de heróis. À margem do rio pantanoso, três crianças... e seu cachorro de estimação.

Thiego era o líder; ele ostentava uma armadura brilhante, um elmo com barbatanas, uma espada que causava inveja e um olhar firme, que sustentava a calma de seus aliados. Ao seu lado, Robert vestia um chapéu pontudo e um traje colegial com um tipo de bolsa lateral, onde havia um livro grosso, com páginas amareladas e marcadores espetados em várias páginas; na mão, segurava um bastão ornamentado com uma pedra roxa na ponta. Já Yugo era pequeno, usava um manto longo que escondia seu corpo e sua cabeça e, nas mãos, havia duas adagas prontas para serem arremessadas ou apunhalar o inimigo. Por fim, ao lado de Yugo estava Ruffus, o cãozinho: rechonchudo, de patas atarracadas, pelagem branca e caramelada, as orelhas em pé e latindo, em alerta.

— Amigos, está na hora de enfrentar essas criaturas! Depois disso, o resgate nos espera! — proferiu o líder, erguendo sua espada.

Eles correram. Yugo manteve as adagas em punho, e rápido como um trovão correu pelas águas do pântano, usando

troncos velhos como apoio. Girou no ar com os braços estendidos, derrubando alguns sapos em seu caminho.

— Eu tirei dez no teste de agilidade da escola, mas vou precisar de ajuda, galera! — dizia, eufórico, enquanto derrubava mais um sapo.

Thiego segurou a espada com as duas mãos e correu, bradando seu ímpeto heroico; sua força era tamanha que nem a água viscosa lhe prendia os pés. Saltou e desferiu um golpe a tempo de evitar que Yugo fosse golpeado por um dos sapos.

— Robert, Ruffus! Sua vez! — Thiego chamou, derrubando mais um sapo.

Robert proferiu algumas palavras mágicas e um forte redemoinho se formou a seus pés; este, por sua vez, tomou o cãozinho em giros aéreos, que foi arremessado contra os sapos, derrubando dois ou três mesmo com seu pequeno tamanho. O redemoinho levou Robert ao centro da batalha, e o vento cortante tratou de afastar os últimos sapos para bem longe dali. Robert abriu seu livro e proferiu algumas palavras mágicas, e um brilho surgiu em forma de esferas de energia.

Ruffus começou a latir, e todos entenderam que havia alguma coisa pântano adentro. Yugo subiu numa árvore para ter uma visão melhor; Thiego preparou a espada e Robert sustentou a magia. Todos arregalaram os olhos, mas foi Yugo quem confirmou a visão de todos:

— Amigos, o dragão está vindo!

Os quatro logo entraram em posição de combate, Robert precisava acumular sua energia e recuperar o poder emanado pelas esferas. Yugo aprontou as adagas e Thiego fez sua espada brilhar. Fizeram seus floreios, aguardando a chegada do dragão. Segundo as lendas, era um lagarto gigante azulado cuspidor de fumaça, feroz e amante de tesouros.

Quando ele chegou, os heróis não esperaram o pouso da criatura e partiram pro ataque. Thiego correu e cortou o flanco do dragão com sua espada. Yugo saltou da árvore, cravando suas adagas nas patas do bicho, prendendo-o no chão. Robert conjurou suas palavras e mirou suas esferas de energia na cabeça do monstro. Por fim, Ruffus latiu e mordeu um dos dedos do gigan-

te azulado. Ele cuspiu fumaça preta...

Assim que a fumaça se dissipou, o resultado dos golpes foi revelado. As escamas do dragão eram muito resistentes, nada que a magia ou os ataques poderosos e certos dos heróis fossem capazes de transpassar.

— Não! Ele é muito resistente! O que faremos agora, Thiego? — indagou Robert, o mago.

— Precisamos de um novo plano, paladino! — exclamou Yugo, o ladino.

— Acalmem-se, amigos! Tudo vai ficar bem, vamos concentrar nossos ataques em um só! Não há dragão que resista ao poder da justiça! Criatura maligna, devolva o tesouro que saqueou da cidade ou sofra as consequências! — disse o líder, renovando o ânimo dos heróis com suas palavras fortes.

— Arf! — Ruffus latiu.

Os quatro amigos se juntaram e começaram a correr na direção do monstro, concentrando seus poderes. A criatura rugiu em alerta. Ela iria revidar e o momento era decisivo: um deles, ela ou o todo grupo tombaria após o golpe. O bicho cuspiu fumaça, comprometendo a visibilidade.

— Nada temam, crianças! — disse uma voz, em meio a risadas. — Sir Timothy irá ajudá-los a enfrentar o dragão!

A fumaça se foi.

Novamente os golpes dos heróis não tiveram efeito na criatura, mas agora ela era controlada por Timothy, o Domador de Dragões Azuis: tão famoso quanto o próprio dragão azul. Ele rugiu em derrota, enquanto o domador saltava nas costas do dragão e lhe golpeava com sua foice, desatando os nós das bolsas de ouro presas ao seu corpo gigantesco. Os heróis ficaram maravilhados com a ação do lendário cavaleiro, que, com um passe de mágica, reuniu todo o tesouro caído e voou para longe.

— Ufa! Essa foi por pouco! — suspirou Yugo, com alívio.

— Verdade... Eu já estava quase sem magia! — pontuou Robert.

— Que bom que existem outros heróis para nos ajudar, não é mesmo? — finalizou Thiego, guardando a espada.

— Arf! — Ruffus latiu alegre, pedindo carinho a Yugo.

As crianças recuperaram suas forças e caminharam rumo à cidade, que agora, com o tesouro recuperado, poderia voltar ao normal. Seus heróis não eram mais necessários. Pelo menos, não por ora...

*

— Timóteo, você conhece aquelas crianças? — perguntou um dos funcionários de um carro forte ao motorista.

— Sim! — o homem respondeu com uma risada farta. — Eles estão sempre brincando de faz de conta aqui pelas redondezas! Uma vez me disseram que cavalgavam o dragão azul que roubava tesouros, e me nomearam Sir Timothy, o Domador de Dragões Azuis! E vocês aí são meus fiéis escudeiros! — completou, ainda rindo.

Os Hóspedes



LUANE MARTINS

Mais uma manhã comum. Da janela de seu apartamento, Matenta, Marina acompanha as pessoas que caminham, apressadas. Com um movimento brusco, ela move o corpo em direção à televisão, que no momento estava no canal de notícias.

— ...interrompemos nossa programação para falarmos com a Lídia, que está neste momento na Flórida.

— Sim, Natalia. Por aqui está um completo caos! Os cidadãos estão muito confusos e apavorados! Há poucos minutos, um forte tremor atingiu boa parte do sul dos Estados Unidos, derrubando casas e árvores... Acabei de receber informações, que parte do México também sofreu com os fortes tremores. Especialistas tentam descobrir a causa dos tremores, que crescem cada vez mais em alcance e também em intensidade! Voltaremos logo com mais informações.

— Obrigada, Lídia. Realmente um caos! A qualquer momento, mais informações.

Marina está perplexa, mas logo seus pensamentos são interrompidos pelo som impaciente da campainha.

— Já vai!

— Oi, amor! Me desculpa a demora. O trânsito está horrível!

— Oi, Kevin! Como você está?

— Estou bem. E você?

— Bem também, mas um pouco preocupada...

— O que está te preocupando?

— Eu estava assistindo às notícias e fiquei um pouco assustada...

— Ah, querida! Você se preocupa demais... Esse país...

— Não, querido! Não é aqui no Brasil... É nos Estados Unidos e no México também.

— O que aconteceu?!

— Fortes tremores! Sem respostas até então. A repórter disse que está aumentando cada vez mais... não só a intensidade, o alcance também!

— Nossa! O que pode ser?

— Não sei...

Foram interrompidos pelo noticiário:

— ...voltamos agora com mais informações da Lídia, na Flórida.

— Sim! Recebi informações de que boa parte do Canadá e também regiões de Honduras estão tendo casos de grandes tremores! No Japão, o vulcão Sakurajima, localizado na região de Kagoshima, entrou há poucos minutos em erupção! O vulcão, que até então não sinalizava perigo, está causando grande destruição na região! Acabo de ser informada que na Nova Zelândia o vulcão Tongariro também entrou em erupção! Ele está localizado na Ilha Norte da Nova Zelândia e, além da erupção, o país está sofrendo com fortes abalos que estão destruindo grande parte do país. Voltaremos em breve com mais informações.

— Meu Deus! Obrigada, Lídia! Retornaremos logo com mais notícias.

Um desconfortante silêncio toma conta do apartamento. Ainda surpresos e notavelmente assustados, o casal se entreolha. Finalmente o silêncio é quebrado por uma ligação do celular de Kevin, e os dois, assustados, dão um salto ao mesmo tempo. Ele se levanta e se retira da sala enquanto atende a ligação.

Poucos minutos depois, ele retorna com um ar de preocupação.

— Era do trabalho... Desculpa, querida. Eles estão precisando de mim.

— Ah, tudo bem... pode ir.

Com um olhar distante, ele se despede de Marina com um beijo na testa. Ela permanece sentada, acompanhando com os olhos a porta se fechando lentamente.

*

O relógio sobre a mesinha no centro da sala marcava quase meio-dia. Ela pega o celular, a carteira e sai.

Enquanto caminha em direção a um pequeno restaurante na esquina do prédio, sente que algo não está certo.

Ao chegar à frente do estabelecimento, um estranho sentimento toma conta de Marina. Em poucos segundos, o chão começa a tremer tão forte que se manter de pé se torna algo quase impossível. No meio do restaurante, surge uma grande rachadura.

Marina está paralisada em meio a tantos gritos e toda aquela correria. A rachadura, que até então se encontrava apenas no interior do restaurante, toma conta da calçada.

Um grande feixe de luz sai da rachadura, seguido por algo que faz Marina perder a respiração. Ao perceber que a coisa tentava sair pela fenda, Marina começa a correr ao mesmo tempo que lágrimas escorrem por seu rosto.

Ela ouve estranhos sons provindos daquilo, e os gritos só aumentam, o que faz com que Marina corra mais rápido em direção a uma rua com saída para uma floresta. Enquanto corre, um carro para à sua frente. É Kevin. Prosseguem em alta velocidade até a mata.

— Meu Deus! Você viu aquilo?!

— Eu... não sei, querida. Vamos precisar seguir a pé agora. Quem sabe se aquela coisa pode ouvir o som dos pneus?

— Mas pra onde vamos?

— Não sei. Mas qualquer lugar é melhor do que aqui.

*

A noite cai, e com isso o sentimento de medo do desconhecido só aumenta. Decidem parar por algum tempo em uma cabana abandonada.

— Ai, tô tão cansada!

— Eu também! Querida, vê se consegue encontrar qual-

quer coisa pra gente se proteger.

Enquanto buscavam suprimentos, uma forte luz surge fora da cabana, advinda de uma espécie de nave. Instantaneamente o casal se abaixa. À frente de Kevin há um machado, que ele pega sem hesitar.

— Não tente nada estúpido! — ela sussurra ao namorado, ainda abaixada.

— Fique calma, querida.

A janela é quebrada e no mesmo momento ele se levanta, empunhando o machado. Um estranho ser começa a investir contra ele, que rapidamente o golpeia com o machado. A criatura geme de dor, mas puxa Kevin.

Marina se levanta, assustada, rogando para que seu namorado não esteja morto. Quando se levanta, ela vê o momento exato em que Kevin se transforma numa criatura semelhante com a qual lutava.

Ao ver aquilo, ela tenta encontrar algum lugar para se esconder. Entra em um quarto e permanece ali até não ouvir mais nenhum barulho.

A porta lentamente se abre. É Kevin. Após um gemido, ele se ajoelha diante dela e começa a explicar que é um alienígena enviado para iniciar a morte da raça humana, mas que se apaixonou por Marina.

— Eu entendo seu espanto...

— Isso é loucura! Kev... Eu nem sei se esse é seu nome mesmo... Você mentiu para mim todo esse tempo! E a maior loucura é que eu estou grávida de alguém que nem conheço!

— O quê?!

Um som alto os interrompe. Quando olham pela janela, uma grande nave sobrevoa toda a floresta, ao mesmo tempo que outras pequenas naves chegam da cidade. Apavorados, os dois fogem até encontrarem um túnel subterrâneo, onde permanecem escondidos e seguros.

Por enquanto.

A Coleção de Estátuas



VINICIUS MENDES

— Parece que está tudo em ordem, mas preciso verificar.
Tudo bem?

— Claro! Leve o tempo que precisar. Eu espero aqui.

Ele não pôde evitar a sensação de alívio enquanto a senhorinha corcunda de cabelos brancos adentrava uma das portas e deixava a ampla sala. Normalmente, não se importava de fazer as entregas da loja do tio, mas aquele dia não queria estar ali.

A velha não tinha a melhor das famas naquele vilarejo. Apesar de estar sempre oferecendo elixires e poções para qualquer causa ou problema, sem cobrar por isso, diziam que na verdade se tratava de uma bruxa poderosa, culpada pelo sumiço de crianças e jovens e pelo menos duas ou três doenças incuráveis de pessoas que ousaram insultá-la. Se nunca fora confrontada, era apenas por medo e pela conveniência de se ter uma curandeira por perto.

Agora ele estava ali. Naquela sala medonha cheia de estátuas, esperando que aquela velha esquisita verificasse compra por compra, sabe-se lá por quanto tempo. Sentia os pés inquietos, nervoso, sentado no sofá gasto, mas confortável. Aquelas estátuas. Tão realistas. Se tivesse como ver o sol, tampado por pesadas cortinas, talvez conseguisse espantar da cabeça a ideia de que já estava ali havia horas e não minutos. Levantou-se e começou a observar a estranha coleção na esperança de distrair

um pouco a mente.

Seu olhar foi atraído para uma raposa em posição de ataque. Tão real que quase podia enxergar o peito se movendo com a respiração e a pelagem macia balançando com a brisa do final da tarde, não fosse o mármore branco e rígido, e o aspecto frio daquilo que nunca esteve vivo.

Logo ao lado, percebeu a estátua de uma garotinha com olhar inquisitivo, congelada até o fim dos tempos em sua curiosidade. Não fossem os globos oculares completamente brancos, jurava poder ver o brilho ingênuo no olhar. O cabelo em tranças balançava no ar estático, como se flutuasse em ventos inexistentes. Algo nela parecia familiar.

A filha do leiteiro! Uma das muitas crianças desaparecidas no vilarejo ao longo dos anos. Ele se lembrava de ter brincado com ela algumas vezes antes que desaparecesse. Depois de muita procura e nenhum corpo, concluíram que talvez tivesse sido pega por um lobo quando saiu sozinha para apanhar água no poço.

Sentiu um arrepio na espinha.

Começou a olhar estátua por estátua. Haveria dezenas? Centenas? Os rostos desconhecidos eram maioria, mas viu ali também o senhor que vendia peixes para sua família e que acreditavam ter se afogado no rio. Havia a recatada esposa do dono do pomar de maçãs, que diziam, com muita surpresa, ter fugido com um rapaz de uma caravana de mercadores. Viu o antigo pai-deiro, um senhor alto, de olhar bondoso, que afirmavam ter ido visitar parentes na capital e nunca mais voltado. Pessoas que desapareceram da vila sem qualquer rastro. Não, não era possível. Alguém saberia!

Continuou seu passeio pelo estranho museu. Foi então que viu algo que o deixou imóvel. Por alguns segundos, era apenas mais uma estátua naquela coleção macabra.

Samael, o rapaz que chegou à vila procurando trabalho, caiu nas graças do padre da igreja local e passou alguns meses ajudando nas hortas da paróquia. Era alto, com o físico de quem estava acostumado com trabalho braçal, mas sua pele não estava mais marcada pelo sol, e sim em um branco fúnebre, o olhar es-

perto substituído pela pedra pálida e lisa. Sentiu seu rosto corar.

Não sabia o porquê, mas Samael sempre chamara sua atenção. No começo, acreditava ser apenas curiosidade normal de alguém que jamais colocara um pé fora da vila, acostumado a ver as mesmas casas, a mesma gente. Quando você nunca saiu do lugar onde nasceu, é normal que quem vem de fora chame a atenção, não é? Convencido do próprio diagnóstico, tentava não pensar muito naquilo quando seu olhar gravitava para os braços bem formados e o sorriso convidativo, quando ria das piadas sem graça ou torcia para cruzar com ele durante as entregas. Falavam das colheitas, e ele perguntava sobre os lugares que o outro havia conhecido, seria capaz de fazer mil perguntas mais se as entregas do dia pudessem esperar. Tentava não pensar nisso mesmo enquanto imaginava, no sigilo das sombras de seu cobertor, em meio à libertadora escuridão noturna. Suspirou. Lembrou-se do aperto no peito quando o rapaz partira de madrugada sem se despedir, e de como os dias e semanas seguintes pareceram sem graça.

Aproximou-se para olhar melhor, e ali estava ele. Não havia as histórias. Não havia o olhar esperto. Mas talvez ele não tivesse partido sem se despedir, afinal. Talvez ele tivesse estado ali o tempo todo.

Sentiu o peito doer. Os punhos tremeram de fúria. A bruxa maldita pagaria por aquilo! Por ele e por todos seus conhecidos ali, reduzidos a matéria morta. Talvez até pudessem reverter o feitiço e aquelas pessoas pudessem voltar para os seus. Samael poderia voltar para ele e... Não. Suspirou. Samael nunca fora dele. E, mesmo que ainda estivesse ali, talvez nunca fosse.

E, se aproximando ainda mais, um estranho impulso o dominou. Real ou falso, estava ali, logo à sua frente. Estátuas não têm vontade. Sentiu o corpo se inclinando para frente e seus lábios tocando os lábios frios de pedra.

Em sua empolgação, se desequilibrou. Caiu sobre Samael, que se quebrou em milhares de pedaços. Ao ouvir a velha perguntando aos berros o que tinha acontecido, apavorou-se e correu para fora da estranha casa sem olhar para trás.

Pelo resto de seus dias, evitou o olhar da senhorinha nas

poucas vezes que se cruzaram. Ela tampouco comentou sobre o ocorrido. Também nunca conversou com ninguém da vila sobre o que vira naquela casa. Não poderia. E se fosse mesmo uma maldição? E se fosse uma maldição que pudesse ser quebrada? E se aquele beijo impensado tivesse impedido que o rapaz tivesse qualquer salvação?

No silêncio das muitas noites que lhe restaram, a única coisa que a lua iluminava nas lágrimas em seus olhos era o chão coberto pelos estilhaços de Samael.

A Dança de Catherine



TAÍS TURAÇA

Eu peço todas as madrugadas para que Catherine pare de dançar na sala, mas não importa o quanto eu fale, o quanto seja até agressivo, ela não me obedece. Ela não para!

*

Ela era linda como uma manhã de Natal. Quando a vi pela primeira vez, meu coração teve um estalo de euforia e tudo o que antes me magoava profundamente se dissipou. Aqueles olhos verdes azulados arregalados, seus fios de cabelos negros bagunçados e sua boca sem dentes foram o suficiente para me deixar apaixonado em um nível que me fez compreender que eu nunca soubera o que era amor até aquele momento. De fato, eu nunca quisera ser pai até tê-la em meus braços na maternidade. Durante os nove meses de gravidez da mãe de Catherine, fui negligente: não a acompanhei em nenhuma consulta do pré-natal, não ajudei a comprar as roupinhas e nem quaisquer outros objetos. Essas, entre outras coisas, me fazem perceber o quão pessimista fui.

*

Seus olhos pálidos e vidrados me julgam através do espelho enquanto tento escovar os dentes para ir ao trabalho.

*

A verdade é que, para mim, Catherine, antes de nascer, era apenas um estorvo, e sua mãe, uma pedra no meu sapato. Eu nunca amara a mãe dela; em outras palavras, fora apenas um caso de uma noite só depois de uma bebedeira. Uma noite de prazeres, no auge do verão do Rio de Janeiro, que resultou em uma responsabilidade para a vida. Foi difícil para mim. Eu tinha apenas vinte e nove anos e estava terminando a graduação em administração na PUC. Depois de tanto acumular pendências e trocar as noites de estudos pelos bares, eu não queria despertar mais raiva no meu pai, que arcava com todas as mensalidades e os custos do meu cartão de crédito.

Mas, depois do resultado de DNA, tudo mudou quando a peguei pela primeira vez em meus braços. Ela era o meu presente para a vida. Algo em mim mudou; terminei a graduação e fui atrás de emprego. Tudo o que eu fazia era para Catherine. Ela foi crescendo, e eu, aprendendo a cada dia com ela. Matriculei-a no balé desde cedo para que pudesse ocupar o seu tempo de forma prazerosa. Posso dizer que a dança foi o primeiro amor da vida dela. O segundo, com o passar do tempo, foi a culinária. Adorava anotar receitas, criar sabores e, sobretudo, fazer bolos.

*

Catherine fala verdades em meus ouvidos todas as noites. Eu os tampo com um travesseiro, mas continuo ouvindo sua voz me dizendo: *culpado*.

*

Como foi difícil quando ela me apresentou o primeiro namorado! Foi mais difícil ainda quando ele partiu seu coração. Ela sempre foi muito próxima a mim. Contudo, algo em nosso tecido começou a se romper quando ela decidiu que queria se graduar em artes cênicas e seguir como uma professora de dança. Ela dizia que era muito feliz dançando. Acreditava cegamente

que isso seria o suficiente para ter sua renda e não precisava me dar satisfações.

Claro que eu, por outro lado, achava aquilo inadmissível. Eu nunca fora o melhor dos filhos, mas entendia que uma graduação em medicina era o melhor caminho para ela. Meu pai já havia dito que bancaria o curso dela, era só ela passar no vestibular. A situação se agravava ainda mais quando a mãe de Catherine falava que cada um poderia escolher o que era melhor para si.

*

Catherine começou a gritar todas as madrugadas.

*

Um dia, durante uma briga entre eu e Catherine, em meu apartamento no alto Leblon, eu dei um tapa em seu rosto. Ficou marcado e, ao invés de me desculpar, eu a ameacei. Disse que não adiantava correr para a saia da mãe, que se fizesse isso teria que sair do meu apartamento e morar com a mãe dela em Mesquita. A partir daquela noite, as brigas e os açoites se tornaram mais frequentes. A situação ficava mais tensa quando ela gritava:

— Você não tem esse direito, é a minha vida!

— Se não fosse eu e o meu dinheiro, você nem saberia dançar!

*

Catherine me segue em todas as ruas dessa cidade infernal.

*

Em meio às discussões, eu gritava “você não tem talento” ou “se fizer essa escolha, vai para a rua”. A tensão foi grande, mas

ela seguiu o que eu queria. E, ao contrário de mim, suas notas no curso de medicina eram altas, e ela não me dava nenhum tipo de trabalho. A única coisa que me assolava é que ela se tornara uma estranha dentro de casa. Sempre pelos cantos. Não fazia mais doces e deixou as aulas de dança, todos os finais de semana eram dentro de seu quarto. As notas sempre impecáveis, um espelho de sua dedicação. Fui cego e acreditei que tudo aquilo sinalizava uma nova ambição que criara para a sua vida, e as notas representavam isso.

Ela nunca mais me abraçou depois que começou a graduação e nem no dia da formatura. A única coisa que ela me disse foi:

— Está aqui o que o senhor queria. — Entregou-me o caderno com a declaração de finalização do curso. Fiquei orgulhoso.

Os dias seguiram, e o comportamento dela se manteve. Sempre no quarto, andando nas beiras da casa como um fantasma. Qualquer tentativa minha de aproximação era bloqueada.

Tudo veio à tona em um sábado pela manhã, quando eu havia saído para buscar pão. Conforme me aproximava do prédio, alguns moradores vinham ao meu encontro e diziam para não chegar perto. Isso me deixava mais aflito. Rompi a multidão e vi o corpo de Catherine estendido na calçada. O sangue atrás de sua cabeça formava uma coroa. Ela se jogara do décimo andar. Estava morta, mas seu espírito seguiria vivo entre nós.

*

Catherine não me deixa mais dormir. Acendo uma vela em seu túmulo e peço perdão. Ela, dançando em sua lápide, balança a cabeça, me dizendo não.

Celestial



MARCELA ALBAN

O fantasma do braço doía como se o membro ainda estivesse ali.

— Talvez seja melhor começar do início — inquiriu o cardeal.

Um sorriso de viés esticou um pouco o rosto enrugado.

— O que seria o início, jovem? A Criação? O espectro sendo expurgado na grandiosa e sangrenta batalha nos céus, onde os guerreiros alados perderam...

O tapa na cara não desfez o sorriso.

O cardeal massageou as costas da mão e fingiu se distrair com seu anel de ouro puro.

— Alcançou a nossa cidade na manhã de ontem. Correto? Foi até a hospedagem perto do rio, alugou um quarto e tomou um café puro com brioche...

— Está perdendo o seu tempo.

O riso falho de alguém que fuma desde criança fez o cardeal entortar o nariz.

Num movimento incoerente com a sua idade, o cardeal jogou uma das cadeiras e a destruiu contra a parede embolorada.

— Havia sangue em suas roupas, sua cama estava intacta e...

— E? — Os olhos quase opacos pela cegueira da idade fitaram a única janela ali, bem alta e pequena, por onde mal se via o sol se pôr. — Tenho tantos argumentos para refutar esse seu interrogatório medíocre! — Cuspiu perto dos sapatos brilhantes

do cardeal. — Mas não vou perder o meu tempo e nem o fazer perder o seu, senhor.

Outro tapa. Sangue espirrou na parede e foi cuspid no chão.

— O povo tem menos compaixão do diabo que eu. — O cardeal sussurrou perto do rosto ferido, enojado com o sorriso vermelho e quase sem dentes que lhe era ofertado em escárnio.

— A força será sua despedida da nossa cidade e do nosso mundo.

A gargalhada saiu falha, mas a voz não. Ela saía nítida, forte, celestial.

— Vim sabe de onde. — O corpo velho se inclinou e o cardeal se assustou com o vento repentino que entrava por não sabia aonde. — De longe, muito além do que você vai conseguir chegar nessa desprezível vida. Não uso cavalos, tampouco carroças. Minhas pernas me trouxeram e minha alma me guiou. — O cardeal deu um passo para trás, apavorado. Em sua pele sardenta sentia um poder estranho, ancestral. Daquele que havia ouvido falar em algum lugar no passado. O peito apertou. O que era aquela pressão? Bateu a mão na porta fechada de madeira, mas ninguém ouviu. — Me chamam de vários nomes para lá do horizonte, mas aqui só me conhecem por um.

— Saia! — Os olhos do cardeal se arregalaram e o coração parecia querer lhe rasgar o peito.

O vento continuava.

O corpo velho se levantou. O lado esquerdo balançava ao léu, sem um braço ali para preencher o vazio.

— Eu senti o espectro... Como chama em minha pele. Ele não conseguiu se esconder nos olhos daquela pobre mulher. Mas você sabe, não? Não há salvação para a alma de um tocado pelas trevas...

— O que está dizendo? Guardas!

— Esse cheiro é medo? Molhou suas ceroulas? Bastou apenas um corte em sua garganta, à luz da lua crescente, e as lavrinhas mortas que a sua língua podre nunca poderá proferir.

— Guardas!

— Eles não virão. Ninguém chegará...

O cardeal pulou para o lado quando a porta se abriu atrás de si. Quase riu de alívio, mas o que saiu foi um grasnido de desespero.

— ...para te ajudar — completou com a voz monótona, vendo as duas criaturas que sorriam em sua direção.

— Não é possível. — O cardeal caiu no chão, as mãos por cima da cruz que carregava no pescoço. — Você... — E olhou horrorizado para as asas que arrastavam atrás daqueles que acabavam de chegar e que pareciam iluminar aquela sala fétida. — Ceci... Ce...

— Me chame de Ceciel. O enviado. A enviada. — Tosuiu seco e mandou um beijo para o cardeal amedrontado. — De nada.

As costas estavam cobertas pelas roupas maltrapilhas, mas o cardeal podia jurar que havia marcas de sangue enegrecido.

Seria a última coisa que veria, e contaria até a sua morte, quando uma explosão de luz roubasse sua visão para sempre e levasse os alados dali.

Próximo Caçador



WALDIR L. SANTOS

Uma profissão monótona, oculta, sem seguro. Chefe, problemas, dilemas... O aviso prévio é meu luto. Tudo parece tão igual, até que um deles quebra as regras e aparece em público. São os dias mais difíceis, tensos, intermináveis... E os que eu mais curto.

Atravessar multidões sem nenhum esbarro, metrô lotados, carros estacionados. Usar uma espada milenar escondida em uma mochila de couro preta comum, com dois ou três rasgos. Não ser notado, nem por você, nem por nenhuma das milhares de pessoas que meu trabalho salva.

Saber que minha rotina é correr um risco tão enorme, flertar com a morte levando flores, bombons, aparecer sem aviso. Viver no improviso. Caçar humanoides, insectóides, e não temer o impossível. Lutando ao lado de um poder colossal, mas omissos. Centrado na bondade do egocentrismo.

E ser sozinho. No pergaminho com as regras, era o único requisito. Descobrir a existência de um mundo novo e saborear o gosto do perigo. Lutar contra monstros, demônios, espíritos? É algum tipo de piada ou um baita de um delírio?

E eu, um jovem ex-policia, me sentindo totalmente perdido. A exoneração foi um complô, criado para acabar co-

migo. Bendita hora que escutei os planos desonestos dos vulgo “amigos”, mas minha honra estava acima de qualquer delito.

Voltando aos meus dias favoritos, quando a normalidade da cidade fica à beira do abismo. Cidadãos andam nas ruas sem conhecer o malefício. Calmos e tranquilos, em cima do pedestal da ignorância que os mantém seguros, vivos. Enquanto meu trabalho é bem feito, eles vivem por aí, rindo, sem saber que nas entranhas desse mundo vive o inimigo.

Lutar contra demônios é meu passatempo preferido. Pode parecer ridículo, mas a diversão de um caçador é cuspir em um corpo desfalecido. Eu gosto, admito. Vencer monstros poderosos sem dar sequer um tiro. Só minha lâmina afiada e a força do atrito, dilacerando pele, ossos, músculos, enquanto absorvo cada grunhido. É meio sádico, e o tanto que eles me temem deve vir deste frio sorriso.

É engraçado como posso ser visto. Para entidades sugadoras de almas, EU sou o inimigo. O mal encarnado, aquele a ser temido. A lenda viva, que destrói um por um sem aviso, dilacera e devolve para o inferno quem de lá nunca deveria ter saído.

Para meus vizinhos? Sou um cara esquisito. Meu apartamento é bagunçado e eu quase nunca sou visto. Às vezes chego ensanguentado, mas nunca com um amigo. A mesma blusa preta, calça preta e o tênis encardido. Muitos deles escolheriam não me ter por perto, sortudos, malditos. Protejo-os enquanto vivem sua vida sem nenhum impeditivo. Assam carne aos domingos, assistem futebol, tomam cerveja sem noção desse conflito.

Céu contra inferno, bem contra mal, é besteira, é sempre o que digo. Apenas nós contra eles, sem demagogia ou um tema definido. Querem o que a gente tem, e lutam para sair de seus esconderijos. Foram trancafiados no pior lugar da Terra, quente, sujo e bem escondido. Por que não desejar todo o esplendor do

nosso mundo, para eles proibido? O fato de se alimentarem das nossas almas é seu ato mais promíscuo. E eu sigo sendo apenas uma ferramenta do pragmatismo.

Não somos muitos, e isso me traz paz de espírito. Trabalhar com uma parceira no começo foi um alívio, até a maldade a corromper, e minha espada determinar seu último suspiro. Até hoje ouço seu grito, me persegue nos poucos sonhos, quando me arrependo de ter dormido. A culpa foi minha por tê-la deixado enfrentá-lo e titubear quando deveria tê-la jogado do abismo. Cairia para o infinito, porém, com o mal, jamais teria um caso promíscuo.

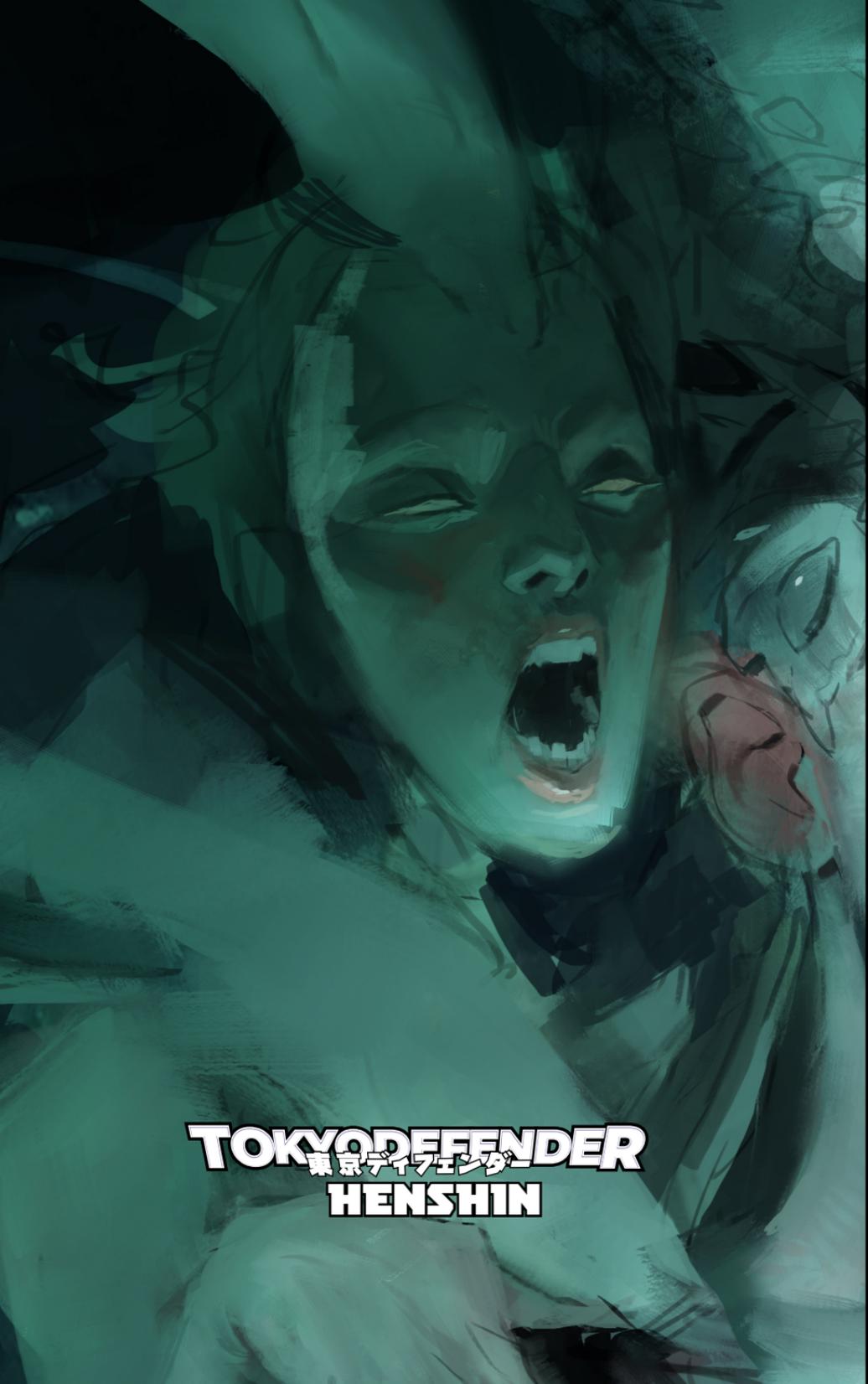
Vozes do passado que toda noite têm uma longa discussão comigo.

E por que escrevo tudo isso? Enquanto fumo um cigarro, minhas mãos tremem e criam alguns rabiscos, o peito arde forte e meus músculos retraem, enquanto minha mente se esvai, e eu adio meu último suspiro. Morto por um dos nossos, tudo em nome do egoísmo.

Esta carta chegou até você por obra do destino, não te conheço e não tenho ideia de quem seguirá o meu caminho. Siga o remetente da carta e conhecerá mais sobre essa guerra ao ler todo o pergaminho.

Como sei que este texto chegará em alguém relevante e não nas mãos dos nossos inimigos? Estou usando a língua dos mortos e só um verdadeiro caçador tem acesso a este manuscrito. Sinto informar, mas a partir de hoje, você, dos monstros, é o prato favorito.





TOKYO DEFENDER
東京ディフェンダー
HENSHIN